

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA.

FORA!

É um facto consumado. O regimento de infantaria 20 sai de Guimarães. Por conveniências de estratégia militar? Não, que nunca ninguém, nem antes nem depois de 1884, data em que o regimento para aqui veio em substituição de outras forças militares, vislumbrou tais conveniências.

Porque seja aqui inútil a sua presença, pela falta de probabilidades da sua acção se tornar necessária na repressão da desordem?

Ninguém o poderá afirmar num concelho e região onde a população operária, inimiga natural da burguesia, ainda dominante, se conta por milhares.

Porque lhe falem as condições de comodidade para sua instalação e manutenção? Não, também, porque a experiência da sua longa permanência e o exemplo do que sucede em aldeolas, que mal se podem comparar a Guimarães, demonstram o contrário.

Porque, então, sai de Guimarães o regimento?

Simplesmente, por isto. Porque há outras terras que teem a felicidade de contar, entre os seus filhos, criaturas de merecimento que por elas se interessam, e cubiçam uma guarnição militar pelas inúmeras vantagens que daí resultam, não só sob o ponto de vista da tranquilidade pública mas, e muito, pelo que tal representa de extraordinário valor no campo do desenvolvimento económico de uma povoação.

Essa cubiça vem de há muito. E várias vezes, bastantes teem sido, que Guimarães tem estado condenada a ser sacrificada, para que, à custa do seu prejuízo, outras terras melhor possam progredir.

Não é, portanto, nova, nem de surpreender a ideia de retirar de Guimarães o regimento. E se essa ideia agora se torna num facto, a razão é simples. É que o concelho de Guimarães não tem hoje ninguém a defendê-lo.

Sempre que se falava, em tal assunto, ou se presentia que dele se poderia tratar, ou mesmo nê pensar, já os nossos deputados, os tais políticos de nefasta memória, corriam pressurosos a cobrir Guimarães do golpe que se lhe preparava. E sempre conseguiram evitá-lo. Esqueciam-se só de uma coisa — lamentável esquecimento! — Não deitavam

foguetes, não faziam discursos no Parlamento para distribuir em fôlha volante, não recomendavam aos seus amigos que os recebessem na estação do caminho de ferro, com luzidos, embora custosos, fun-ga-gás, cabasadas de flores, discursatas e banquetes.

Esqueciam-se disso e será por isso também que, amanhã, acorrerão, a qualquer canto, absolutamente ignorados. Mas que importa, se cumpriram o seu dever e Guimarães não foi prejudicado?

* * *

Puseram de parte os políticos. Os políticos não servem, são culpados de todos os crimes, é gente com quem se não deve tratar.

A' margem, para longe com eles!

E o que ficou? Ficou isso, isso que aí se vê. Um ridículo triunvirato, que os poderes públicos despresam, e uma comissão administrativa, sem brio, sem nobreza de qualidade alguma, que não sente no estanho da cara, o chicote do Governo nem o nojo do povo vimaranense!

Que fazem êsses homens, que se sentam nos nossos Paços concelhios, estranhos, é certo, na sua maioria, à terra, alheios ao seu progresso, indiferentes pela sua ruína, mas que teem um carácter e uma dignidade própria a defender, que é a sua própria honra pessoal?

Que fazem eles? Até aonde irá a desvergonha, que tanta será ela, que ainda os não vemos descer as escadas do Município, dando com os pelouros na cara de quem os pôs à frente de Guimarães para a Guimarães poder ferir, em cheio, em pleno coração, sem que entre a faca e o peito, outros peitos se podessem erguer, na mais sagrada e pundonorosa das defesas?

E, — com que tristeza o dizemos, — o que faz Guimarães, o Guimarães dos Entusiastas, o Guimarães da União ao Pôrto, o Guimarães de Alberto Sampaio e Martins Sarmento, que gente é essa que para aí há, que só vemos espectros dos velhos que a morte levou, e que ainda nos fazem vibrar, tremer, de comoção, pela nossa terra, e moços dessorados, burguezes bestializados, que não arrancam, num ímpeto de legítima mas arrebatada defesa daquilo que os velhos nos deixaram, para gritar, ali na Praça da Oliveira, da nossa Oliveira que é a Oliveira do Portugal de Aljubarrota, aos intrusos que nos deixam espelhar:

Fora! Fora! Fora!

A opinião republicana aguarda com serenidade as sindicâncias aos actos dos membros do P. R. P. Aguarda, e confia, absolutamente neles. Depois fará inteira justiça, sabendo-se quem tem servido o país com desinteresse.

Não basta insinuar: é preciso demonstrar.

De "O Rebate", órgão do P. R. P.

As Escolas Primárias Superiores

Retomo, como prometi no número antecedente, a minha atitude perante a inqualificável extinção destas Escolas. Bem sei que nada vale. Embora; há verdades que é forçoso dizê-las.

É curioso ler e escutar certos e graciosos entendidos que dizem com convicção: são inúteis.

Porquê? Por abrirem os seus cursos gratuitos às classes populares?

Por lhes facilitarem a educação que um século vertiginoso lhes exige?

Por lhes injectarem na alma a essência embrionária do verdadeiro civismo? Não, por certo. Lá, segundo dizem, não se apte de.

Há ingênuos que abordam a questão aventando este ditame ultra-galhofeiro. Então que se faz por lá? Jogam-se as damas e o dominó? Critica-se a vida alheia, como acontece nos salões chics da nossa sociedade? Discute-se política? Contam-se histórias da Carochinha? Enfim, que se faz por lá? Estuda-se, senhores, estuda-se. E mesmo combatidas traiçoeiramente, quaisquer escolas ensinam alguma coisa; a questão é frequente-las. Vem disto a sua grandeza.

Mas — acrescentam — para nada servem escolas sem frequência. Nisto não pecam elas; simplesmente pecam aquêles que as não frequentam podendo frequentá-las. As matrículas são desprezadas; todavia, sempre colhem algum fruto os que ali se matricularem. Digam, muito embora, o contrário do que aqui afirmo. Os que aqui apontam a pouquidade dos seus alunos em parte são culpados dessa deficiência; porque lhes moveram uma campanha de descrédito no início dos seus trabalhos. Daí, o desprezo infustificado de muitos estudantes, mal seguros na integridade das suas próprias necessidades.

Não são precisas onde há Liceus, dizem também. Tanto não digo. Cada ser criado tem a sua rôtta deliniada na história da civilização. Os Liceus seguem um caminho e as Escolas seguem outro. Ambos educam, mas para mui diferentes destinos. A'queles falta a organização destinada aos alunos destas e, vice-versa, em igualdade de circunstâncias. Logo, são, por variados motivos, duma grande utilidade onde quer que existam.

Há com efeito, um êrro muito

pronunciado na sua organização. É este o desmedido exagero de matérias nos poucos anos do seu curso que tem, além da educação física, o número razoável de onze cadeiras. Mas isto não quer dizer que sejam infrutíferos os seus trabalhos. Do exagero alguma coisa fica. Em suma: o estudante aplicado quasi pode com as matérias que geralmente lhe ensinam.

Ora, o que mais exorta os seus inimigos é outro motivo mais íntimo e menos expressivo. Porque é estranhavel que só a elas dirijam setas quando, afinal, padecem da mesma fraqueza uma quasi totalidade de todas as outras. Comentam-se factos e acrescentam-se boatos a tôda a hora; e êstes comentários chegam a bulir com a integridade do professorado. Não é justo que tal se faça. Demais, quanta pobreza encoberta alardeando fortunas nunca vistas!

Há tempos publicavam os jornais que ficavam adidos os professores em questão. Passadas poucas semanas diziam que não podiam ser reintegrados nos estabelecimentos onde fôsse exigido o concurso. É forte disparate! Qualquer banalidade! Onde há Escolas sem concurso? Se as há não faltarão, num só momento, massas compactas de concorrentes sem concurso. Isto corresponde a ficarem eternamente adidos.

Com certeza também não podem fazer concurso. E porque será? Será por falta de competência? Ora, ora! Corram atrás das competências e tragam-me a resposta. Nada disso. São postos à margem simplesmente por indecentes e más figuras. Fora de gracejo, isto dá que matutar. Não serão reintegrados porque? Falta de competência não sofre a maior parte. Nós temos em Guimarães alguns dêles que desempenham briosamente o magistério, na Escola Industrial, ao lado do seu brilhante côrpo docente, dêste estabelecimento de ensino tecnico, que é por si uma glória.

Conclui-se naturalmente de tudo isto que queriam dar o feito por desfeito.

Eis a importuna verdade, que resulta de tôdas as proposições, como o anatema compungente que vigoroso deve reprová-los tão iniqua extinção.

Nem isto é extinguir. É mutilar um corpo em formas vagas, porque existe de facto essa figura, envolta ainda nas sombras da criação, procurando a nitidez na luz vivificante da razão. É desmantelar um edificio que deve levantar-se sobre os seus alicerces incólumes. É derrubar um ser que vive e que amanhã se erguerá mais forte, alentado pelo sopro dessa mesma vida, sacudindo sem tréguas a neblina que polvilhada lhe obscurece o dorso. É sufocar enfim uma aspiração intransigente que, qual odor subtil, trespassará lés a lés as fendas mais impraticáveis para vencer.

E vencerá. O tempo o demonstrará. Custe a quem custar. Na sua frente dilata-se um imenso futuro. Certo como estou de que estas Escolas não são ainda o que deviam ser, auguro contudo uma vagarosa lapidação. O escritor também lucubra incessantemente

na sua obra prima; e de edição em edição vai apurando, palhetando enfim. Quando morre fica a sua obra um monumento de arte, eterna afirmação do seu génio.

Aqui vigora irmanado um método setelhante.

Talvez, se um juiz onnipotente julgasse imparcial, movido por espírito de comparação, se utilizasse do claro discernimento do Filho de Deus no templo de Salomão quando disse aos delatores duma pecadora:

Aquele de vós que estiver sem pecado seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra.

Isto é o busfils do assunto.

DAVID BRAGA.

"Cinco Meses de Governo,"

O sr. Dr. Marques Guedes, ex-ministro das Finanças, que com tanto talento marcou o seu lugar no Parlamento e no último gabinete constitucional, presidido pelo sr. António Maria da Silva, acaba de publicar um livro interessantíssimo pelos assuntos de que trata e pelo brilho com que os desenvolve, intitulado «Cinco Meses de Governo».

Dêle nos permitimos transcrever os seguintes periodos:

«Assim, a revolução militar venceu sem um tiro e pôde instalar-se no poder quasi sem odios.

A protétvia da canalha vil, que em todos os tempos sente o prazer mórbido de cuspir nas faces dos vencidos, não partiu, afinal, dos triunfadores.

Se, como sempre, se gritou contra o democratismo, os seus erros e porventura os seus crimes, ninguém denunciou a opinião pública quasi êles fôsem. Nenhum escândalo foi encontrado nos ministérios.

Nenhuma medida violenta ou desonrosa teve que ser revogada.

Pelo contrário, algumas medidas do anterior governo foram confirmadas ou adoptadas.

Assim succedeu com o pagamento dos encargos dos fundos-ouro, com o processamento dos papéis dos navios em lastro, com a responsabilidade pelas cauções das casas bancárias por prejuizos causados a Caixa Geral de Depósitos, com o lançamento do imposto pessoal de rendimento sobre os lucros dos sócios das empresas comerciais e industriais.

Não me regosijam as revoluções, sempre as condenei. Hoje, mais do que nunca, as condeno veementemente.

Já o pat do teiño e financeiro Marino Franzini, em idos tempos, calculava que a revolução setembrista custara á economia nacional qualquer coisa como trinta mil contos, do tempo em que os mil reis tinham ágio sobre a libra.

Quando estive no ministério, os meus colegas da Guerra e da Marinha constantemente me perse-

guiam para o reforço das verbas de ordem pública.

Só o «fait divers» revolucionário de Almada, em 2 de Fevereiro, custou, pelo Ministério da Marinha, 1.000 contos e pelo da Guerra 2.098 contos!

Uma noite de prevenção em Lisboa e Porto custava, numeros redondos, 100 contos!

Para fazer face às despesas com deslocações de tropas, rações, ajudas de custo, etc., do último movimento, gastar-se-hão muitas dezenas de milhares de contos.

O sr. Guilhermino

Contam os jornais que sua ex.^a deitou fala, na Câmara, e fez referência à imprensa local que cometera o nefando crime de não o considerar genuíno vimaranense, apesar de lhe terem aqui nascido os filhos.

Falou, pois, o sr. Guilhermino, e, na sua inflamada eloquência, que muito bem lhe conhecia, tanto se entusiasmou ao vêr o público embasbacado perante a maravilha da sua palavra sempre sincera, desinteressada e leal, que de todo se esqueceu de acrescentar, como homem honesto que é incapaz, portanto, de mentir, descaradamente, ao povo, principalmente, quando esse povo se lhe dirigia em momento de aflição, que o seu amor por Guimarães vai a tal ponto que, nascendo-lhe é certo, aqui os filhos, lhes fixou residência em Lisboa, para ali mudou, há bastantes anos, a sua casa, ficando aqui sem eira nem beira, e que, em todas as situações políticas, pede, como um cego, que o transfiram daqui para fora.

O sr. Guilhermino, no calor do seu entusiasmo, esqueceu-se desta pequenina particularidade que tam excelentemente atestaria a verdade das suas afirmações, se porventura, alguém ousasse pô-las em dúvida.

Há tísicos na Penha

Um colega da terra, em artigo que, pelos palavrões com que se enfeita, denota a insignificância de quem o escreveu, e a pouca atenção de quem dirige a gazeta, transcreve uma parte do relatório da inspecção sanitária ultimamente realizada, no hotel da Penha, ocultando, miseravelmente, o resto que lhe é desfavorável e constitue o que néle há de essencial.

Também mente dando a entender que os hóspedes teem apresentado o atestado médico, que o regulamento obriga o proprietário do hotel a exigir-lhes, quando é certo que, com a complicitade do sr. administrador do concelho, que anda em veraneios em vez de ocupar o seu lugar, tal disposição regulamentar se não tem cumprido.

Não temos hoje espaço para nos alongarmos. Só queremos frisar que não afrouxaremos na nossa campanha e mais ainda que, apesar do resultado da inspecção sanitária, poderemos afirmar que há tísicos na Penha.

Felizmente para os são, mas desgraçadamente para a Penha, que a nossa campanha algum benefício já produziu: o de ter começado a debandada dos hóspedes que no hotel estavam com saúde e dêle têm fugido, esclarecidos pelos nossos avisos.

MOBILIA

Vende-se diferente mobília, incluindo a de sala de jantar.

Para vêr e tratar no Cano (Casa de Travassos).

Primeiro... beber

Foi uma comissão a Lisboa por causa da retirada do regimento. Dêla faziam parte membros da comissão administrativa da Câmara. A êsses competia falar ao Governo em nome de Guimarães. Aos ministros fala-se na linguagem clara e fácil da gente do povo: é a que êles melhor percebem e que mais apreciam, pois lhes rouba menos tempo. A comissão foi de opinião diferente. Entendeu que esta coisa do regimento só se pode resolver com discursos bonitos. E chamou orador, e o orador veio à chamada.

Estudou o discurso, já os prelos estavam em preparação para a publicaçãozinha do costume, com os costumados encômios, e o ministro marcou a hora para a penitência.

Chegada a hora, tudo a postos. O orador não faltara. O ministro é que tardou. O calor era muito, sufocava-se. A sêde apertou, o orador não resistiu mais: foi beber.

Vio o ministro, mas o orador... continuava a beber. E o sr. Fraga não teve outro remédio senão o de improvisar um discurso.

Quem sabe se não seria por esta razão que ficamos sem o regimento?

Vá para o diabo tanta sêde!

Sociedade Martins Sarmiento

É difícil fazer-se jornalismo em semanários de provincia. Pela morosidade com que são compostos e distribuídos e pela falta de reportagem, muitas vezes, quando o público nos lê, já o assunto perdeu a oportunidade ou levou rumo diferente.

Referimo-nos, no nosso último número, ao boato que corria de uma tentativa da Sociedade Martins Sarmiento junto da Comissão Administrativa da Câmara para um novo contrato, em condições que, absolutamente, condenamos.

Pois, quando êsse artigo saiu, já a nossa apressadíssima Comissão Administrativa tinha resolvido o assunto, fazendo, inteira e servilmente, o que a Sociedade mandou, como se estivesse no Município para obedecer, militarmente, à direcção da Sociedade e não para zelar os interesses do concelho que, infelizmente e à força, representa.

A Sociedade fica habilitada a, com o dinheiro da Câmara, isto é, do povo vimaranense, gastar 100 libras em ouro, no que muito bem lhe aprouver, continuando na criminosa e sacrilega transformação de uma instituição que a tão levantados e nobres fins se destinava, num foco de baixa reacção política, com a correlativa gêmealinha para os amigos que acorrem à pedinche, quando virem a Sociedade com dinheiro.

Garantias para a Câmara? Nenhuma.

A biblioteca continuará naquele caos em que se tornou, não se sabendo hoje quais são os livros da Câmara e quais os da Sociedade.

Além disso continuará encerrada para o público que dela mais precisa, pois só será aberta quando muito bem apetezer a qualquer dos directores ou empregado amigo que lá arranjar nicho.

Cerceou-se a importância destinada à compra de livros, como se se tratasse de luxo supérfluo.

Pôs-se de parte a organização indispensável do catálogo da biblioteca.

Teimou-se em manter a caricata distribuição anual de prémios às crianças, condenada pela moderna pedagogia, mas que serve certos fins de mesquinha conveniência.

Acceptou-se a tutela da Socieda-

de para regular quando e como a Câmara se poderá servir do salão do edificio da Sociedade para recepções ou festas.

Puseram-se de parte as indispensáveis condições que garantissem que na Sociedade se não continuaria a fazer politica, em conferências ou comícios.

Igualmente se pôs de parte a garantia de que o dinheiro da Câmara não irá ser gasto em fazer engordar quaisquer vadios que sob rótulo de funcionários ali se pretendam anichar.

Enfim, pôs-se inteiramente, de parte o projecto de contracto elaborado pela nossa Câmara, para se fazer só o que a actual direcção da Sociedade... ordenou.

Pois bem! Tal não será. Desde já daqui profetizamos, e fácil é a profecia, de que perdem o tempo e o feito.

Restabelecida a normalidade constitucional o novo contrato não será acatado. Os tribunais competentes o anularão e mil maneiras haverá de, completamente, o inutilizar.

Assim o exigem os interesses do concelho, o próprio prestigio da Sociedade Martins Sarmiento e o respeito que merecem aqueles que a fundaram.

A ESQUERDA DEMOCRÁTICA

A propósito do repugnante ataque que o Grupo da Esquerda Democrática constantemente dirige ao Partido Republicano Português, publicou, ultimamente, o nosso colega de Lisboa, «O Rebate», um artigo do qual não podemos fugir à tentação de transcrever uma parte, pelo que de irresponsível lógica, verdade e justiça nele se contem, contra aqueles que ora acusam o nosso Partido de corrupção e esbanjamento.

«Afirma o órgão esquerdista que a Esquerda Democrática é um partido constitucional, isento de responsabilidades nos erros passados.

Perdão! Se há erros, se houve politica de corrupção e de esbanjamento, de que, aliás, não apparecem demonstrações, a Esquerda Democrática tem graves responsabilidades nesses casos, solidários como foram os seus marchais e os seus soldados com a obra governativa do P. R. P.

Desde 1918, pouco mais ou menos, que o sr. José Domingues dos Santos se diz republicano. Fez-se filiar no Partido Republicano Português. Foi governador civil e ministro. Por motivo de resoluções impensadas, que não de prestigio pessoal, foi eleito para o Directório do partido, isto é, durante sete anos foi solidário com toda a obra partidária. Pois só agora reconheceu os erros e os crimes com que se tornou solidário.

Os seus companheiros, republicanos mais antigos do que êle, e que estupidamente se inferiorizaram à sua chefia, também tiveram absolutas responsabilidades com o nosso partido e só agora reconhecem a existência de uma politica de corrupção e esbanjamentos.

Mais ainda. A Esquerda Democrática, que declara não ter qualquer espécie de responsabilidade nos erros do passado, foi governo. Os seus homens exerceram uma acção influente, dentro do P. R. P., embora com um programa próprio. E o que fêz? Nada. Manteve o tal estado de corrupção e esbanjamento de que miseravelmente acusa o Partido Republicano Português.

Do seu governo fizeram parte os marchais esquerdistas:

José Domingues dos Santos
Pestana Junior
Carlos de Vasconcelos
Pedro de Castro
Souza Junior
Plínio Silva.

Esses homens dominaram todo o governo. Nessas circunstâncias, por que motivo não revelaram honradamente as corrupções e os esbanjamentos, com os quais se tornaram solidários durante tantos anos?

E que realizações se conhecem dêsse governo tam uniforme, organizado após um golpe de preto lançado contra o honradissimo governo Rodrigues Gaspar, cujos efeitos benéficos ainda hoje se fazem sentir na situação cambial?

O orgulho, a isenção da Esquerda Democrática! Que ridiculas ironias!

A Esquerda Democrática, falseando os princípios que diz desejar manter integralmente, aliou-se com todos os elementos conservadores e reacçãoários para derubar o governo da presidência do sr. António Maria da Silva e deu ensejo ao movimento de 28 de maio, do qual procurou aproveitar-se, sendo sacudida como inútil, como laçao que se oferece e ninguém considera necessário.

Mas ainda assim, mantem-se choramingando à porta do cubidea que lhe atirem misericordiosamente.

Notas de um curioso

Segreda-se por aí, á boca pequena, que a actual Comissão Administrativa de Guimarães tem feito descobertas mirabolantes da vereação deposta, mas evita tomar qualquer attitude, pela consideração que tem pelos vereadores cujo mandato ilegalmente arrebato. E' de véras cómica a nota que veem ferindo os adeptos da actual situação politica. Porventura cabe no âmbito de qualquer cérebro medianamente constituído que se encobrissem irregularidades na administração do Município pelo futil pretexto de não ferir as pessoas suspeitas de as terem cometido? Não: nem aos mais ingénuos pôde convencer o argumento, tanto mais que toda a gente sabe que o pronunciamento militar que levou ás cadeiras do Município os actuais vereadores traz na sua divisa o ataque cerrado aos partidos politicos. Sabe-se muito bem como as coisas se passam atavez de bastidores. A' Comissão administrativa do Município teem ido certos amigos «de Peniche» fazer acusações de toda a ordem, não se preocupando de saber qual o modo de prová-las, mas simplesmente com o fim de cevarem os seus ódios, o seu rancôr contra os vereadores afastados. O seu orgulho desmedido que eles souberam conter em respeito julgou ter soado a hora da vingança e para realizá-la lançaram-se abertamente, descaradamente pelo caminho da figura ridícula de mendigarem um assento nas cadeiras do Município. Como apesar de todas as pretensas garantias não conseguiram merecer a simpatia daqueles a quem estava confiado o supremo mando, mudaram de tumo e procuram levar por diante os seus maquiavélicos projectos injectando os ouvidos dos actuais vereadores com acusações de toda a ordem contra a vereação deposta. E os mentores da situação, verdadeiramente empenhados em elevadissimos fins moralizadores, apregoam a sua magnanimidade e prometem não levantar o véu que cobre todas as annunciadas irregularidades. Afinal quem vem, com certa curiosidade, seguindo o desenrolar dos factos, chega a esta conclusão: o véu não se rasga porque não existe: nada se encontra nos serviços municipais que possa comprometer os ve-

readores expulsos nem afirmar que a sua administração não fosse sempre correctta, legal e rigorosamente moldada em tudo pelos supremos interesses do Concelho.

Assim é que está certo. Tudo o mais são invenções que hão-de ainda um dia fazer partir os dentes daninhos aos seus autores.

Movimento de 28 de Maio

A pedido do Comando Militar, desta cidade, tornamos público que até 31 do corrente se receberão naquele comando, todos os pedidos de indemnização a conceder por os automóveis e camions requisitados a particulares pelas autoridades militares, por efeito do Movimento Militar de 28 de Maio, devendo todos os pedidos de indemnização ser acompanhados do documento em face do qual tenha sido satisfeita a requisição.

Noticias das Taipas

No pretérito sábado esteve em festa o lindo hotel das Termas. O seu amplo salão de jantar, engalanado de flores e plantas, recebeu um encantador e animado grupo da Colónia balnear de Vizela, presidido pelo Ex.^{mo} Sr. Alvaro Pimenta, illustre director do Hospital Joaquim Urbano, do Porto, que quiz ter a gentileza de distinguir as nossas Termas com esta grata visita. Realizou-se um almoço, á americana, que decorreu sempre com o maior entusiasmo, sabendo imprimir-lhe um cunho especial de graciosidade e animação as gentilissimas senhoras que nos visitaram e as que se encontravam hospedadas no Hotel. Trocaram-se amistosos brindes e fizeram-se discursos interessantes de sinceridade e graça, entre os quais destacamos o do Ex.^{mo} Sr. Adriano Pimenta, dignissimo director de «O Primeiro de Janeiro», que no calor das suas saudações não esqueceu o merecido reclame ao grande diário que tão distintamente dirige.

Abrilhou o almoço o magnifico quarteto do Casino de Vizela. Foi uma festa encatadora que deixou em todos aqueles que tiveram o prazer de assistir indeleveis recordações.

Já está há bastante tempo inaugurada a água para abastecimento da povoação. Pela sua abundância e pressão era de esperar que ela concorresse para nos libertar da poeira das ruas e dar alguma vida aos jardins, onde as pobres plantas morrem ressequidas. Tal porém não succede, certamente porque o encarregado de dirigir os serviços de limpeza e higiene da povoação tem assuntos de maior importância a cuidar e acha estes cuidados pouco harmónicos com as suas altas aspirações e espirito orientador da actual situação politica. Que os Srs. Presidente da Comissão e Vereador do pelouro das Taipas lancem para aqui os seus olhares!

Tem estado muito concorrida a nossa estância Termal e certamente muito maior seria a affluência de aquistas se houvesse cá dentro algum empenho em proporcionar-lhe distracções e tornar attraente e desejada a sua permanência. Estamos a ouvir diárricamente queixas gerais contra a falta de animação e muitas pessoas vão preferindo visitar termas onde veja mais amena a sua demora.

A continuarmos assim pouco a pouco só nos procuram aqueles que absolutamente não podem ir para outra parte. E porque é que em lugar de os filhos das Taipas passarem o tempo em critica mordaz e censura a tudo e a todos se não estabelece uma estreita e sincera união para levantar a nossa estância? Vamos a isto?

Da «Velha guarda» destaca-se uma guerrilha que não suporta a inacção, embora breve, a que a direcção local do Partido a quer forçar.

E' certo que não ha possibilidade de continuar o ataque que merecem aqueles a quem os interesses de Guimarães estão entregues, desde que eles próprios teem a faculdade de cortar tudo o que contra eles se escreva.

E' certo tambem que a situação politica actual se não pode manter, estando, para tranquilidade de todos nós, imminente o restabelecimento da Constituição.

Mas, nem porisso devemos dar treguas a quem se aproveita desta anormalidade para tentar criar grupelhos partidarios á custa da desbaratagem dos dinheiros do municipio ou evidenciar a sua espantosa incompetencia.

A censura tapa-nos a bôca? Fugamos á censura. A «Velha guarda» entende que deve esperar, serenamente, o momento, que se avizinha, de carregar, em campo aberto e livre, para, de uma arrancada, tudo destroçar e esmagar? Dela nos afastaremos, enquanto permanecer na imobilidade, para, á maneira das guerrilhas, irrompendo quando e donde menos nos esporem, podermos fustigar quem castigo merecer.

Havia um numero da «Velha guarda» que a censura cortou e não deixou circular: ele af vai, sem responsabilidade para a sua direcção ou empreza, porque, a ocultas de todos, o fizemos sair da sua arrecadação para a luz do dia. E' assim que começamos.

E a seguir, sempre que nos seja possivel, sairá e será distribuida a «Guerrilha», jornal que só á lei da nossa consciencia de republicanos e patriotas obedecerá, sem director nem editor, nem censura, de qualquer formato e por qualquer meio impresso, que saberá escapar a todas as perseguições e que, sem as responsabilidades que tem a «Velha Guarda», mais cruamente e ao vivo, poderá escarpelar os pôdres de toda a fragaria do concelho.

Forçaram a «Velha Guarda» a calar-se? Na guerra como na guerra! A «Guerrilha» não os deixará em maior sossêgo.

Um grupo de republicanos

cano do Povo Português, conhecidos como somos dos métodos, processos e planos dos nossos inimigos.

manejos e planos. Sustos pela firmeza e segurança da República, não os teve nem os terá nenhum republicano.

competências e das economias. Entram, por assim dizer, numa apoteose e saem, quasi irremediavelmente, entre os apupos e es-

queles que o praticam. Um preceito não cumprido é um juramento mentido, é uma verdade corrompida que pode amadurecer

examinar cevados, assim o decretam e está o problema resolvido. Que fará o médico municipal perante tal deliberação?

0
S
im
im
aja
te.
se
ur-
no
es-
por
idi-
que
vil.
que
elo
ro-
de-
ora
a
tica
an-
do
que
do.
or-
ala-
na
ção
asi
nias
não
não
esa
izar
mas
rça-
orta
re-
nga-
qui-
pi-
izer,
ôcas
nam
s?
ntro-
ccção
ouro
zesse
ente,
lvida
a ins-
tido,
ração
obros
ne fe-
imos
ubsti-
endi-
que
ência
vivo
ideia.
que-
poder
En-
a exa-
saber

guiam para o reforço das verbas de ordem pública.

Só o «fait divers» revolucionário de Almada, em 2 de Fevereiro, custou, pelo Ministério da Marinha, 1.000 contos e pelo da Guerra 2.008 contos!

Uma noite de prevenção em Lisboa e Porto custava, numeros redondos, 100 contos!

Para fazer face às despesas com deslocações de tropas, rações, ajudas de custo, etc., do último movimento, gastar-se-hão muitas dezenas de milhares de contos».

O sr. Guilhermino

Contam os jornais que sua ex.ª deitou fala, na Câmara, e fez referência à imprensa local que cometera o nefando crime de não o considerar genuíno vimaranense, apesar de lhe terem aqui nascido os filhos.

Falou, pois, o sr. Guilhermino, e, na sua inflamada eloquência, que muito bem lhe conhecemos, tanto se entusiasmou ao vêr o público embasbacado perante a maravilha da sua palavra sempre sincera, desinteressada e leal, que de todo se esqueceu de acrescentar, como homem honesto que é incapaz, portanto, de mentir, descaradamente, ao povo, principalmente, quando esse povo se lhe dirigia em momento de aflicção, que o seu amor por Guimarães vai a tal ponto que, nascendo lhe é certo, aqui os filhos, lhes fixou residência em Lisboa, para ali mudou, há bastantes anos, a sua casa, ficando aqui sem eira nem beira, e que, em todas as situações políticas, pede, como um cego, que o transfiram daqui para fora.

O sr. Guilhermino, no calor do seu entusiasmo, esqueceu-se desta pequenina particularidade que tam excelentemente atestaria a verdade das suas afirmações, se porventura, alguém ousasse pô-las em dúvida.

Há tísicos na Penha

Um colega da terra, em artigo que, pelos parágrafos com que se enfeita, denota a insignificância de quem o escreveu, e a pouca atenção de quem dirige a gazeta, transcreve uma parte do relatório da inspecção sanitária ultimamente realizada, no hotel da Penha, ocultando, miseravelmente, o resto que lhe é desfavorável e constitue o que néle há de essencial.

Também mente dando a entender que os hóspedes tem apresentado o atestado médico, que o regulamento obriga o proprietário do hotel a exigir-lhes, quando é certo que, com a complicitade do sr. administrador do concelho, que anda em veraneios em vez de ocupar o seu lugar, tal disposição regulamentar se não tem cumprido.

Não temos hoje espaço para nos alongarmos. Só queremos frisar que não afrouxaremos na nossa campanha e mais ainda que, apesar do resultado da inspecção sanitária, poderemos afirmar que há tísicos na Penha.

Felizmente para os são, mas desgraçadamente para a Penha, que a nossa campanha algum benefício já produziu: o de ter começado a debandada dos hóspedes que no hotel estavam com saúde e dêle têm fugido, esclarecidos pelos nossos avisos.

MOBÍLIA

Vende-se diferente mobília, incluindo a de sala de jantar.

Para vêr e tratar no Cano (Casa de Travassos).

Primeiro... beber

Foi uma comissão a Lisboa por causa da retirada do regimento. Dela faziam parte membros da comissão administrativa da Câmara. A esses competia falar ao Governo em nome de Guimarães. Aos ministros fala-se na linguagem clara e fácil da gente do povo: é a que eles melhor percebem e que mais apreciam, pois lhes rouba menos tempo. A comissão foi de opinião diferente. Entendeu que esta coisa do regimento só se pode resolver com discursos bonitos. E chamou orador, e o orador veio à chamada.

Estudou o discurso, já os prelos estavam em preparação para a publicaçãozinha do costume, com os costumados encómios, e o ministro marcou a hora para a penitência.

Chegada a hora, tudo a postos. O orador não faltara. O ministro é que tardou. O calor era muito, sufocava-se. A sede aperta, o orador não resistiu mais: foi beber.

Veio o ministro, mas o orador... continuava a beber. E o sr. Fraga não teve outro remédio senão o de improvisar um discurso.

Quem sabe se não seria por esta razão que ficamos sem o regimento?

Vá para o diabo tanta sede!

Sociedade Martins Sarmento

E' difícil fazer-se jornalismo em semanários de provincia. Pela morosidade com que são compostos e distribuídos e pela falta de reportagem, muitas vezes, quando o público nos lê, já o assunto perdeu a oportunidade ou levou rumo diferente.

Referimo-nos, no nosso último número, ao boato que corria de uma tentativa da Sociedade Martins Sarmento junto da Comissão Administrativa da Câmara para um novo contrato, em condições que, absolutamente, condenamos.

Pois, quando esse artigo saiu, já a nossa aprestadíssima Comissão Administrativa tinha resolvido o assunto, fazendo, inteira e servilmente, o que a Sociedade mandou, como se estivesse no Município para obedecer, militarmente, à direcção da Sociedade e não para zelar os interesses do concelho que, infelizmente e à força, representa.

A Sociedade fica habilitada a, com o dinheiro da Câmara, isto é, do povo vimaranense, gastar 100 libras em ouro, no que muito bem lhe aprouver, continuando na criminosa e sacrilega transformação de uma instituição que a tão levantados e nobres fins se destinava, num foco de baixa reacção política, com a correlativa gemação para os amigos que acorrerem à pedinche, quando virem a Sociedade com dinheiro.

Garantias para a Câmara? Nenhuma.

A biblioteca continuará naquele caos em que se tornou, não se sabendo hoje quais são os livros da Câmara e quais os da Sociedade.

Além disso continuará encerrada para o público que dela mais precisa, pois só será aberta quando muito bem apetezer a qualquer dos directores ou empregado amigo que lá arranje nicho.

Cerceou-se a importância destinada à compra de livros, como se se tratasse de luxo supérfluo.

Pôs-se de parte a organização indispensável do catálogo da biblioteca.

Teimou-se em manter a caricata distribuição anual de prémios às crianças, condenada pela moderna pedagogia, mas que serve certos fins de mesquinha conveniência.

Aceitou-se a tutela da Socieda-

de para reg. Câmara se po do edificio de cepções ou fes

Puseram-se pensáveis cond sem que na Sc tinarria a fazc ferências ou ce

Igualmente : garantia de que mara não irá engordar qua sob rótulo de pretendam ani

Enfim, pôs parte o project borado pela n se fazer só o q da Sociedade..

Pois bem! T já daqui prof profecia, de qu e o feiio.

Restabeleci: constitucional não será acat. competentes o maneiras haver mente, o inutiliz

Assim o exig do concelho, o da Sociedade M o respeito que que a fundaram.

A ESQUERDA

A propósito ataque que o querda Democ temente dirige publicano Por cou, ultimamen lega de Lisboa. um artigo do mos fugir á ten crever uma par irrespondível ló. justiça nele se c aqueles que ora so Partido de c banjamento.

«Afirma o or que a Esquerda um partido cons de responsabilid passados.

Perdão! Se há erros, se houve politica de corrupção e de esbanjamento, de que, aliás, não apparecem demonstrações, a Esquerda Democrática tem graves responsabilidades nesses casos, solidários como foram os seus marchais e os seus soldados com a obra governativa do P. R. P.

Desde 1918, pouco mais ou menos, que o sr. José Domingues dos Santos se diz republicano. Fez-se filiar no Partido Republicano Português. Foi governador civil e ministro. Por motivo de resoluções impensadas, que não de prestígio pessoal, foi eleito para o Directório do partido, isto é, durante sete anos foi solidário com toda a obra partidária. Pois só agora reconheceu os erros e os crimes com que se tornou solidário.

Os seus companheiros, republicanos mais antigos do que êle, e que estupidamente se inferiorizaram à sua chefia, também tiveram absolutas responsabilidades com o nosso partido e só agora reconhecem a existência de uma politica de corrupção e esbanjamentos.

Mais ainda. A Esquerda Democrática, que declara não ter qualquer espécie de responsabilidade nos erros do passado, foi governo. Os seus homens exerceram uma acção influente, dentro do P. R. P., embora com um programa próprio. E o que fez? Nada. Manteve o tal estado de corrupção e esbanjamento de que miseravelmente acusa o Partido Republicano Português.

Do seu governo fizeram parte os marchais esquerdistas:

convencer o argumento, tanto mais que toda a gente sabe que o pronunciamento militar que levou ás cadeiras do Município os actuais vereadores traz na sua divisa o ataque cerrado aos partidos políticos. Sabe-se muito bem como as coisas se passam através de bastidores. A' Comissão administrativa do Município tem ido certos amigos «de Peniche» fazer acusações de toda a ordem, não se preocupando de saber qual o modo de prová-las, mas simplesmente com o fim de cevarem os seus ódios, o seu rancôr contra os vereadores afastados. O seu orgulho desmedido que eles souberam conter em respeito julgou ter soado a hora da vingança e para realizá-la lançaram-se abertamente, descaradamente pelo caminho da figura ridícula de mendigarem um assento nas cadeiras do Município. Como apesar de todas as pretensas garantias não conseguiram merecer a simpatia daqueles a quem estava confiado o supremo mando, mudaram de rumo e procuram levar por diante os seus maquiavélicos projectos injectando os ouvidos dos actuais vereadores com acusações de toda a ordem contra a vereação deposta. E os mentores da situação, verdadeiramente empenhados em elevadíssimos fins moralizadores, apregoam a sua magnanimidade e prometem não levantar o véu que cobre todas as anuiciadas irregularidades. Afinal quem vem, com certa curiosidade, seguindo o desenrolar dos factos, chega a esta conclusão: o véu não se rasga porque não existe: nada se encontra nos serviços municipais que possa comprometer os ve-

no quarto do Casino de Yze-la. Foi uma festa encatadora que deixou em todos aqueles que tiveram o prazer de assistir indeleveis recordações.

— Já está há bastante tempo inaugurada a água para abastecimento da povoação. Pela sua abundância e pressão era de esperar que ela concorresse para nos libertar da poeira das ruas e dar alguma vida aos jardins, onde as pobres plantas morrem ressequidas. Tal porém não sucede, certamente porque o encarregado de dirigir os serviços de limpeza e higiene da povoação tem assuntos de maior importância a cuidar e acha estes cuidados pouco harmónicos com as suas altas aspirações e espirito orientador da actual situação politica. Que os Srs. Presidente da Comissão e Vereador do pelouro das Taipas lancem para aqui os seus olhares!

— Tem estado muito concorrida a nossa estância Termal e certamente muito maior seria a afluência de aquistas se houvesse cá dentro algum empenho em proporcionar-lhe distrações e tornar atraente e desejada a sua permanência. Estamos a ouvir diariamente queixas gerais contra a falta de animação e muitas pessoas vão preferindo visitar termas onde veja mais amena a sua demora.

A continuarmos assim pouco a pouco só nos procuram aqueles que absolutamente não podem ir para uotra parte. E porque é que em lugar de os filhos das Taipas passarem o tempo em crítica mordaz e censura a tudo e a todos se não estabelece uma estreita e sincera união para levantar a nossa estância? Vamos a isto?